

## ESTRUTURAS NEGATIVAS DA “CASA ROMANA” DO CASTRO DE SÃO DOMINGOS (LOUSADA): AS FOSSAS ESCAVADAS NO SAIBRO

Manuel Nunes<sup>1</sup>  
Paulo Lemos<sup>2</sup>  
Joana Leite<sup>3</sup>  
Hugo Novais<sup>4</sup>

### RESUMO

As escavações arqueológicas realizadas entre 2009 e 2010 na denominada “Casa Romana” do Castro de São Domingos (Lousada, Norte de Portugal) revelaram 26 fossas escavadas no substrato geológico. Com o intuito de clarificar a sua funcionalidade e, assim, justificar a geografia, aparentemente aleatória, que assumem no espaço da escavação, precedendo em termos cronológicos as edificações da Idade do Ferro e da Época Romana, foram desenvolvidos estudos de carácter geológico em colaboração com o Laboratório do Porto da Direcção Geral de Geologia e Energia.

**Palavras-chave:** Estruturas negativas; Fossas; Casa Romana; Idade do Ferro; Geologia.

---

<sup>1</sup> Arqueólogo (manuel.nunes@cm-lousada.pt)

<sup>2</sup> Arqueólogo (paplemos@gmail.com)

<sup>3</sup> Arqueóloga (joana.leite.80@gmail.com)

<sup>4</sup> Geólogo (hnovais@gmail.com)

## ABSTRACT

The archaeological diggings made between 2009 and 2010 in the so called “Roman House of Castro de São Domingos” (Lousada, Northern Portugal) revealed 26 dug pits in the geologic substrate. With the purpose of clarifying its functionality and, therefore, justify the apparently casual geography in the digging area, preceding in chronologic terms the Iron Age and Roman housings, studies of geologic character were developed in co-operation with Porto Laboratory of LNEG.

**Keywords:** Negative structures; Dug pits; Roman House; Iron Age; Geology.

## 1. O SÍTIO ARQUEOLÓGICO

É apenas nos inícios do século XVIII, que o Padre Carvalho da Costa (1706:400) tece os primeiros comentários “científicos” acerca do “Castro de São Domingos”. Nos finais do séc. XIX Francisco Martins Sarmento, após visita ao mesmo, descreve-o como tendo sido *um povoado fortificado onde ainda eram visíveis várias linhas de muralha* (Cardozo, 1947:56). Ao longo dos séc. XIX / XX outros autores se debruçaram sobre este povoado e/ou o seu espólio, concretamente D. Domingos Pinho Brandão e Adília Alarcão (Alarcão, 1958:274; Lanhas, 1971:575). Contudo, o mesmo apenas foi objeto de investigação continuada entre 1994 e 1998, em virtude das campanhas arqueológicas levadas a cabo por José Marcelo Sanches Mendes Pinto.

O Castro de São Domingos constitui o maior e melhor preservado povoado proto-histórico identificado ao longo da bacia do rio Mezio, conservando vestígios da Idade do Ferro (séc. VI/III a.C. a séc. I d.C.). A sua conquista e consequente

destruição, provavelmente durante as Guerras Cantábricas (26-19 a.C.), são o ponto de partida para uma reorganização espacial do povoado, que levará ao abandono paulatino da coroa do monte em favor das plataformas da meia-encosta. É neste seguimento que se terá verificado a construção de um pólo habitacional romano<sup>5</sup>, na encosta SE, onde foram identificadas dependências de uma habitação romana (séc. I a III d.C.) que apropriou uma área da Idade do Ferro (séc. I a.C.) (Mendes-Pinto, 2008:55-60).

No decurso das escavações arqueológicas enquadradas no projeto *A “Casa Romana” do Castro de São Domingos: Intervenção arqueológica e valorização patrimonial* (2009/10), a cargo dos signatários, foram identificadas 26 fossas escavadas no geológico natural (Sector A – sete, Sector B – dez; Sector C – sete e Sector D – duas) ocupando o espaço de forma aparentemente aleatória.

<sup>5</sup> Este pólo, incluído na área de proteção do Castro São Domingos, sítio em Vias de Classificação, é localmente denominado *Casa Romana do Castro de São Domingos* (Nunes *et al.*, 2008).

## 2. AS FOSSAS ESCAVADAS NO SAIBRO

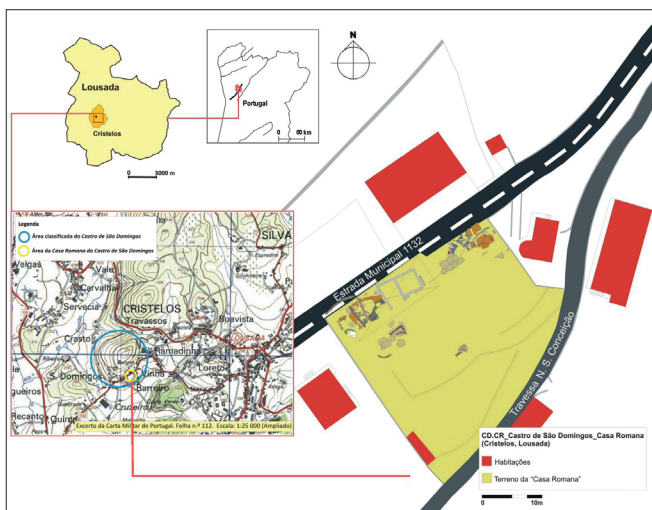
A área intervencionada revelou vinte e seis fossas escavadas no substrato geológico, precedendo em termos cronológicos todas as edificações da Idade do Ferro e da Época Romana.

Nos quadrados A/F 13 a 25 (Sector A) foram assinaladas sete fossas, três de forma oval (Fossas 14 a 16) e quatro de forma arredondada (Fossas 10 a 13). Aqui destaca-se a Fossa 15, a única escavada neste sector, e as Fossas 13 e 14 pelas informações cronológicas determinantes relativas à sua selagem. A Fossa 15 revelou-se preenchida por duas unidades contendo espólio quase exclusivamente de uso doméstico (90 fragmentos) e uma mó de vaivém. As Fossas 13 e 14 foram seladas, ainda na Idade do Ferro, truncadas (apresentando atualmente altura máxima de 22 cm e 26 m, respetivamente), tendo então sido edificada a casa de planta circular [112]. Esta realidade habitacional

foi depois alterada aquando da construção dos muros romanos - [213] e [214] - que alteraram por completo a anterior função habitacional do espaço.

Nos quadrados B/F 1 a 12 e G/K 1 a 5 (Sector B) foram assinaladas dez fossas (Fossas 1 a 9 e 27), de formas arredondadas e ovóides, ainda que de configurações algo irregulares. Das fossas aqui escavadas, quatro apresentam forma arredondada (Fossas 1, 2, 4 e 5), quatro forma oval (Fossas 3, 6 a 8) e duas formas de difícil perceção (Fossa 9 e 27). A originalidade deste conjunto prende-se com o seu grau de concentração espacial, permitindo-nos compreender a sua dinâmica de abertura. Assim, dada a proximidade e contacto físico entre quase todas estas fossas, foi possível determinar quatro fases construtivas das mesmas.

A Fossa 2, a última a ser aberta, está totalmente preservada, cortando as Fossas 3, 5 e 6. As unidades que a preenchem revelaram 269 objetos (fragmentos de *dolia*, *tegulae*, *imbrices*, tijolos, uma peça de



**Fig. 1.** Localização da área arqueológica da “Casa Romana” do Castro de São Domingos.

jogo, um amolador, um pequeno núcleo de sílex e escória metálica).

Posteriormente à abertura da Fossa 2 segue-se uma segunda fase de abertura de fossas (3, 6, 8 e 9) que partilham um ponto em comum: o facto de revelarem apenas uma unidade de depósito, à exceção da Fossa 8 que evidenciou três unidades. No conjunto produziram 465 objetos, na sua quase totalidade fragmentos cerâmicos de uso doméstico de cronologia romana e indígena (destaque para uma peça de jogo, recolhida na Fossa 3, que resulta de um reaproveitamento de um fragmento de ânfora).

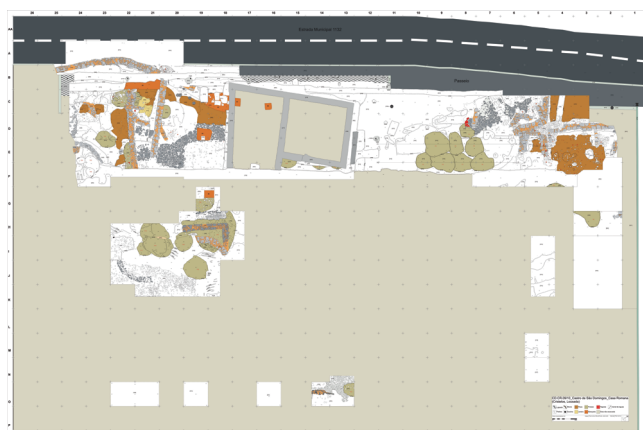
A Fossa 7, o terceiro momento de abertura de fossas neste setor, evidencia forma ovalada, estando truncada pelas fossas ovóides (3, 6 e 8). A sua escavação permitiu exumar 318 fragmentos cerâmicos de uso doméstico, um fragmento de escória e três fragmentos de barro de uma provável grelha de forno.

Finalmente, o momento mais antigo é aqui representado pelas Fossas 1, 4, 5

e 27 que, apesar de proporcionarem escassa informação, permitiram reconhecer um fator de ligação entre elas e que se prende com a sua morfologia de perfil arredondado, por oposição às mais recentes que apresentam perfil ovalado.

Nos quadrados G/K 17 a 23 (Setor C) foram identificadas sete fossas, quatro de forma arredondada (Fossas 17, 20, 22 e 29), duas de forma ovalada (Fossas 18 e 19) e uma com forma de difícil perceção (Fossa 21). Mais uma vez, é perceptível a existência de momentos distintos na abertura do conjunto das fossas e, curiosamente, verifica-se igual correspondência entre a morfologia arredondada (Fossas 17, 20, 22 e 29) e os períodos mais antigos de ocupação e a forma ovoide (Fossas 18 e 19) com momentos posteriores.

Neste conjunto salienta-se a Fossa 19 (cronologicamente a mais recente neste setor) que revelou uma unidade de revestimento do nível geológico, evidenciando um grau de impermeabilização e regulari-



**Fig. 2.** Plano geral da área intervencionada no sítio arqueológico da “Casa Romana” do Castro de São Domingos.

zação que comprova a intenção de isolar a parede da fossa, precisamente na área de contacto com a Fossa 18, onde não se encontrava presente o substrato geológico mas antes as terras de enchimento da mesma. Esta fossa ovoide foi intencionalmente escavada para obter este formato, tal como o atestam as marcas de pico detetadas no geológico, denotando o seu claro afeiçoamento.

A Fossa 20 revelou materiais, na sua maioria, da Idade do Ferro, exibindo, também, algumas particularidades. De formato oval, foi intencionalmente escavada para obter esta forma denotando-se um afeiçoamento da rocha. A unidade que a selava registou abundantes cinzas, sendo a unidade posterior correspondente a prováveis vestígios de material argiloso de revestimento.

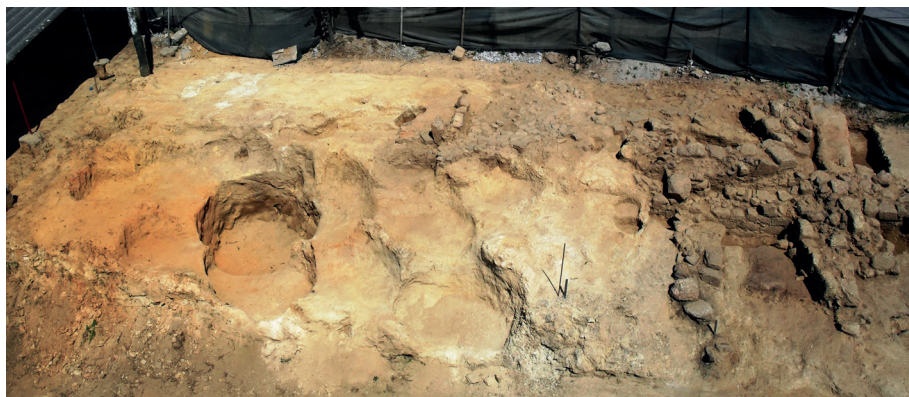
### 3. FORMULAÇÃO DE HIPÓTESES ARQUEOLÓGICAS

As fossas são as estruturas mais numerosas desta estação arqueológica, contudo, são

aquelas que postam mais problemas do ponto de vista interpretativo. Tendo em conta a sua morfologia diversa, a sua estrutura geológica, o seu contexto arqueológico e, ainda, alguns paralelos regionais, como o povoado fortificado do Lago (Amares) ou do povoado do Crastoeiro (Mondim de Basto), foram aventadas diversas interpretações relativas à(s) sua(s) funcionalidade(s).

Parcas na informação, facultando apenas um vislumbre da sua arquitetura ou, as mais das vezes, o momento da sua inutilização enquanto estruturas, a maioria das fossas desempenhou, pelo menos na fase final da sua vida útil, uma função detritica, tendo sido intencionalmente entulhadas, indicando, assim, um *terminus ante quem* para as estruturas que se lhe sobrepõem.

Conquanto a função detritica prevaleça sobre as demais no registo arqueológico, é de crer que a função primordial fosse outra. Os paralelos com outras fossas detetadas em habitats da Idade do Bronze Final, no contexto



**Fig. 3.** Vista geral do Setor B, após a conclusão dos trabalhos.

regional<sup>6</sup>, são evidentes, e permitem considerar a hipótese de algumas destas estruturas terem sido utilizadas como fossas de aprovisionamento, vulgarmente denominados “silos”, destinadas à armazenagem de bens alimentares.

A presença, na Fossa 19, de restos de material argiloso de revestimento, com o fito de isolar as paredes, na área de contacto com a Fossa 18, tornando-a menos permeável, consubstancia a existência de fossas com a função de silos neste espaço habitacional da Idade do Ferro. A fossa apresenta as características típicas de uma estrutura negativa de aprovisionamento, com formas regulares, fundo aplanado e paredes estanques, pese embora persistam dúvidas relativas ao seu modo de utilização/ funcionamento e, em particular, sobre as técnicas de selagem.

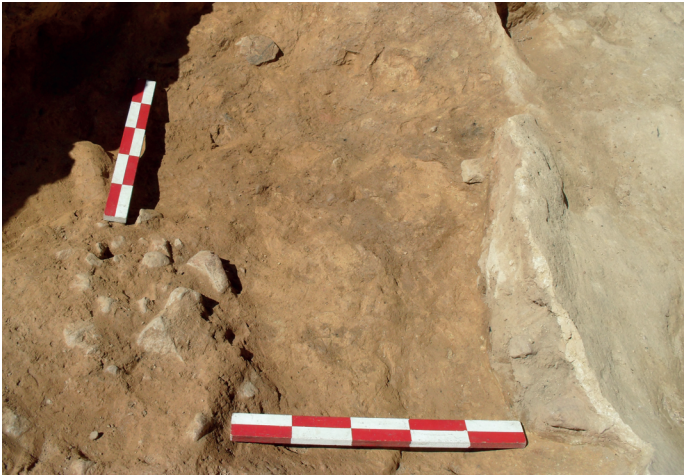
Relativamente às restantes fossas estaremos em presença de silos ou de negativos de uma atividade extrativa, *vulgo* “saibreiras”? Se uma funcionalidade não invalida a outra, é um facto que as fossas de contornos mais irregulares e de maior profundidade se ajustam menos à função de armazenagem, adequando-se, ao invés, à obtenção de saibro utilizado na construção das habitações (sob a forma de argamassas), ou no fabrico de cerâmica (Martins, 1988:79). Ambas as hipóteses apresentam limitações que impedem, com base numa análise simplista dos dados, a adoção de uma em detrimento da outra.

Se por um lado é difícil explicar a morfologia “cuidada” das estruturas, tendo em conta, quer o fim a que se destinaria o material extraído, quer a função efémera da própria estrutura, por outro o uso do terreno como fonte de material argiloso pode ser questionado uma vez que se encontram, no seu hipotético território pedestre de 30 minutos, aluviões de origem fluvial (rio Mezio) que tornam provável a sua exploração em detrimento das fossas.

Também a hipótese de nos encontrarmos perante estruturas de armazenamento apresenta, por sua vez, limitações. Desde logo pelo carácter friável do saibro e pela provável acumulação de águas de escorrência no interior das covas. Por outro lado, o facto de estas estruturas apresentarem morfologias distintas (arredondadas e ovaladas) e se entrecortarem em momentos sucessivos, fragilizando-se do ponto de vista estrutural, coloca algumas reservas à sua tipificação enquanto estruturas de aprovisionamento.

Por fim coloca-se a questão do mau estado de conservação destas estruturas, estando a maioria truncada ao nível dos terços superiores, situação que inviabilizou, na maioria dos casos, a determinação integral da sua morfologia e arquitetura primitiva, designadamente no que se refere ao sistema de selagem, mas também, a perceção da sua relação com os níveis de ocupação coeva que pudessem ter existido. Assim, exceção feita à Fossa 19 construída com o objetivo de funcionar como silo, não foi possível determinar a funcionalidade e a cronologia exata das restantes fossas. Embora seja crível que

<sup>6</sup> Cf. Povoado da Cimalha, em Felgueiras (Almeida *et al.* 2008); Monte Calvo, em Baião (Gonçalves *et al.* 1979); Bouça do Frade, em Baião (Jorge *et al.* 1980); e Povoado da Santinha, em Amares (Bettencourt, 2001).



**Fig. 4.** Pormenor do material argiloso de revestimento perceptível no limite SE da Fossa 19.

a sua época construtiva possa recuar aos inícios da ocupação do povoado, ou pelo menos da ocupação das plataformas inferiores, dado que a abertura das fossas não cortou qualquer estrato arqueológico e a única baliza temporal efetiva é facultada pela destruição, no séc. I a.C., das Fossas 13 e 14, não podemos ignorar que a abertura de fossas é uma constante entre as comunidades da Idade do Bronze (Martins, 1988:79), pelo que a pervivência destas estruturas na Idade do Ferro reforça a ideia de uma certa continuidade entre estes dois momentos (Dinis, 2001:122).

#### 4. CONTRIBUTO DA GEOLOGIA

Para ultrapassar as dúvidas sobre a função primordial das fossas e determinar a sua funcionalidade, associaram-se reflexões geológicas que, partindo das hipóteses levantadas pela visão arqueológica, testaram metodologias de despiste. Assim, procurou determinar-se se o estrato geológico tem características que

tornem possível o seu uso e justifiquem a sua extração (para confirmar a hipótese de terem funcionado como saibreiras) e perceber se as argamassas das estruturas e/ou pisos da designada “Casa Romana” têm constituintes geológicos próximos aos das referidas fossas.

A análise de semelhanças e diferenças entre os diversos materiais transformados e os prováveis materiais fonte permitem concluir o seguinte:

- As amostras provenientes das fossas (Fossa 2, 5, 15, 18, 19 e 21) têm características mineralógicas que tornam possível o seu uso para produção de argilas cerâmicas, já que apresentam elevado teor de caulinite, que se sobrepõe aos teores de mica e quartzo (Gomes, 1988);
- O rio Mezio forneceu valores que tornam os seus sedimentos pouco propícios para uso direto em pastas cerâmicas, devido aos poucos teores de caulinite;

- A amostra da argamassa recolhida no muro castrejo [185] é, possivelmente, compatível com as argilas da amostra da Fossa 5. No entanto, a amostra correspondente à Casa Castreja [112] é mais semelhante ao material do rio Mezio. Admite-se, assim, o uso de diferentes fontes para estas estruturas;
- A maior parte dos pisos não tem equivalência com qualquer uma das amostras, expeto o piso [110] que tem correspondência com os depósitos do rio Mezio, pelo que este poderá ter sido a fonte de material;
- As amostras dos muros romanos ([214], [216] e [217]) não são compatíveis com as fossas nem com os aluviões do rio Mezio. Ainda assim, é plausível o uso de misturas na sua produção entre os materiais das fossas com os do rio Mezio, combinando-se as características “cerâmicas” do material das fossas com o aumento de volume do material, facultado pelos sedimentos do rio.

## 5. CONCLUSÃO

De morfologia variável, estas fossas apresentam perfil, arredondado (n=13), ovalado (n=9), ou mesmo irregular (n=4), ainda que os seus contornos não sejam, na sua maioria, completamente regularizados. A diversidade de formas e dimensões poderá relacionar-se, entre outros fatores, com questões de funcionalidade, com as características específicas dos produtos a armazenar, ou acesso aos mesmos. Para-

lelamente, as fossas não estão associadas a buracos de poste, nem a qualquer tipo de construções pétreas. Cronologicamente é possível definir distintos momentos que presidiram à sua abertura, dado que as fossas se intercetam, ainda que, provavelmente, essas fases construtivas se efetivem num período temporal relativamente curto. Em termos latos, esse momento construtivo cristaliza-se numa fase anterior à da totalidade das estruturas habitacionais presentes na designada “Casa Romana”.

As argamassas das estruturas da “Casa Romana” ostentam grande variedade de resultados que apoia a hipótese de terem sido preparadas em momentos diferentes. Os materiais e fontes mais prováveis para a produção de argamassas são os aluviões do rio Mezio e os produtos retirados das fossas. Tendo em conta as características das argamassas considera-se altamente provável a utilização de misturas de forma a combinar as propriedades cerâmicas do reduzido substrato extraído das fossas com os volumes consideráveis do rio Mezio, mas com poucas potencialidades. Assim, sendo provável, ou pelo menos admissível, a utilização dos materiais inertes retirados das fossas para a obtenção de argamassas, não resulta claro se esta extração se realizou *per si* nem, tampouco, as razões que levaram a uma extração “cuidada”, atribuindo às fossas formas arredondadas, mais próprias de silos que de “barreiros” ou “saibreiras” onde a extração segue fiões de matéria-prima sem preocupações arquitetónicas.

Por outro lado, a avaliar pelos indícios detetados na Fossa 19, nitidamente isolada com argamassa de saibro na zona



de contacto com a Fossa 18, é aceitável a hipótese de estarmos, pelo menos em algumas das fossas, perante uma situação de dupla funcionalidade. Isto é, a abertura de estruturas tipo silo, no geológico seria feita provavelmente com o intuito de armazenagem de alimentos, e num momento subsequente, far-se-ia o aproveitamento dos materiais argilosos disponibilizados durante o processo de escavação. Sendo de presumir que a ordem dos eventos seja esta, não é de descartar uma relação causal distinta. Com efeito, a situação inversa – a abertura de cavidades para a extração de materiais argilosos e o seu posterior afeiçoamento para servir como estrutura de armazenamento – não tendo suporte arqueológico evidente, possui suporte geológico, já que se comprova que os materiais extraídos foram utilizados na produção de argamassas para as estruturas habitacionais da Idade do Ferro.

## BIBLIOGRAFIA

- ALARCÃO, A. M. (1958) - *Sigillata hispânica em museus do Norte de Portugal*. Revista Guimarães: 68 (3-4), p.249-315.
- DINIS, A.P. (2001) - *O povoado da Idade do Ferro do Crastoeiro (Mondim de Basto, Norte de Portugal)*. Cadernos de Arqueologia 13. Monografias. Braga: Universidade do Minho.
- GOMES, C. (1988). - *Argilas. O que são e para que servem*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- MARTINS, M. (1988) - *Povoado fortificado do Lago, Amares*. Cadernos de Arqueologia 1. Monografias. Braga: Universidade do Minho.
- MEDEIROS, A.; PEREIRA, E.; MOREIRA, A. (1980) - *Notícia explicativa da folha 9-D (Penafiel) da carta geológica de Portugal à escala 1:50000*. Lisboa: Serviços Geológicos de Portugal.
- MENDES-PINTO, J.M.S. (2008) - *Do castro de S. Domingos a Meinedo: Proto-história e Romanização na bacia superior do rio Sousa*. OPPIDUM. Número Especial. Actas do Iº Encontro de Arqueologia das Terras de Sousa. Lousada: Câmara Municipal de Lousada, p. 45-63.
- NUNES, M.; LEMOS, P. e LEITE, J. (2010) - *Sistema Geral de Drenagem e Tratamento das Águas Residuais do Concelho de Lousada - Castro de São Domingos. Acompanhamento arqueológico*. Relatório Final de Trabalhos Arqueológicos. Lousada (Poli-copiado).
- NUNES, M.; LEMOS, P.; LEITE, J.; NOVAIS H.; OLIVEIRA A. (2011) - *Estruturas negativas da “Casa Romana” do Castro de São Domingos (Lousada): as fossas escavadas no saibro*. OPPIDUM. Número 5. Lousada: Câmara Municipal de Lousada, p. 61-84.
- NUNES, M., SOUSA, L. e GONÇALVES, C. (2008) - *Carta Arqueológica do concelho de Lousada*. Lousada: Câmara Municipal de Lousada.
- Carta Geológica de Portugal: Folha 9-B (Guimarães) e 9-D (Penafiel) [Material cartográfico] Serviços Geológicos de Portugal – Escala 1:50000. Lisboa: S.C.E., 1986.
- Carta Militar de Portugal: Folha 112 [Material cartográfico] Instituto Geográfico do Exército – Escala 1:25.000. Série M 888 – Lisboa: I.G.E., 1998.